

MUSEO

LOGIA

COREM 2R

**MUSEOLOGIA:  
VIVÊNCIAS**

RJ/MG/ES

.....  
Publicação  
Comemorativa dos  
30 Anos da Lei de  
Regulamentação  
da Profissão de  
Museólogo

VIV



## CONSELHO REGIONAL DE MUSEOLOGIA - 2ª REGIÃO [RJ - MG - ES]

Criado pela Lei 7.287, de 18.12.1984

Regulamentado pelo Decreto n.º 91.775, de 15.10.1985

### *Diretoria eleita em 2014*

Presidente: Márcia Silveira Bibiani (0263-I)

Vice-Presidente: Magda Beatriz Vilela (0301-I)

Tesoureira: Vivian da Mata Fava (0749-I)

1ª Secretária: Nancy Correa Ploczynski (0326-I)

2ª Secretária: Heloisa Helena Queiroz (0726-I).

### *Comissões*

#### *Comissão de Ética, Fiscalização e Registro*

Presidente: Magda Beatriz Vilela (0301-I)

1ª Secretária: Heloisa Helena Queiroz (0726-I)

2ª Secretário: Cesar Soares Balbi (0500-I)

Ângela Maria Chiesi Moliterno de Oliveira (166-I)

#### *Comissão de Informação e Divulgação*

Presidente: Cláudia Porto (0282-I)

1ª Secretária: Mariana Silva Santana (0765-I)

2ª Secretária: Elenora de Mello Neves Nobre Machado (0124-I)

Daniela Camargo (0734-I)

#### *Comissão de Tomada de Contas*

Presidente: Gláucia Soares de Moura (0434-I)

1ª Secretária: Patricia de Mello Silva Araujo (0082-I)

### *Coordenação Geral*

Plenária do COREM 2R

### *Organização*

Cláudia Porto

### *Equipe de Produção*

Cláudia Porto

Fernanda Moraes

Mariana Silva Santana

### *Projeto gráfico e diagramação*

Lola Vaz

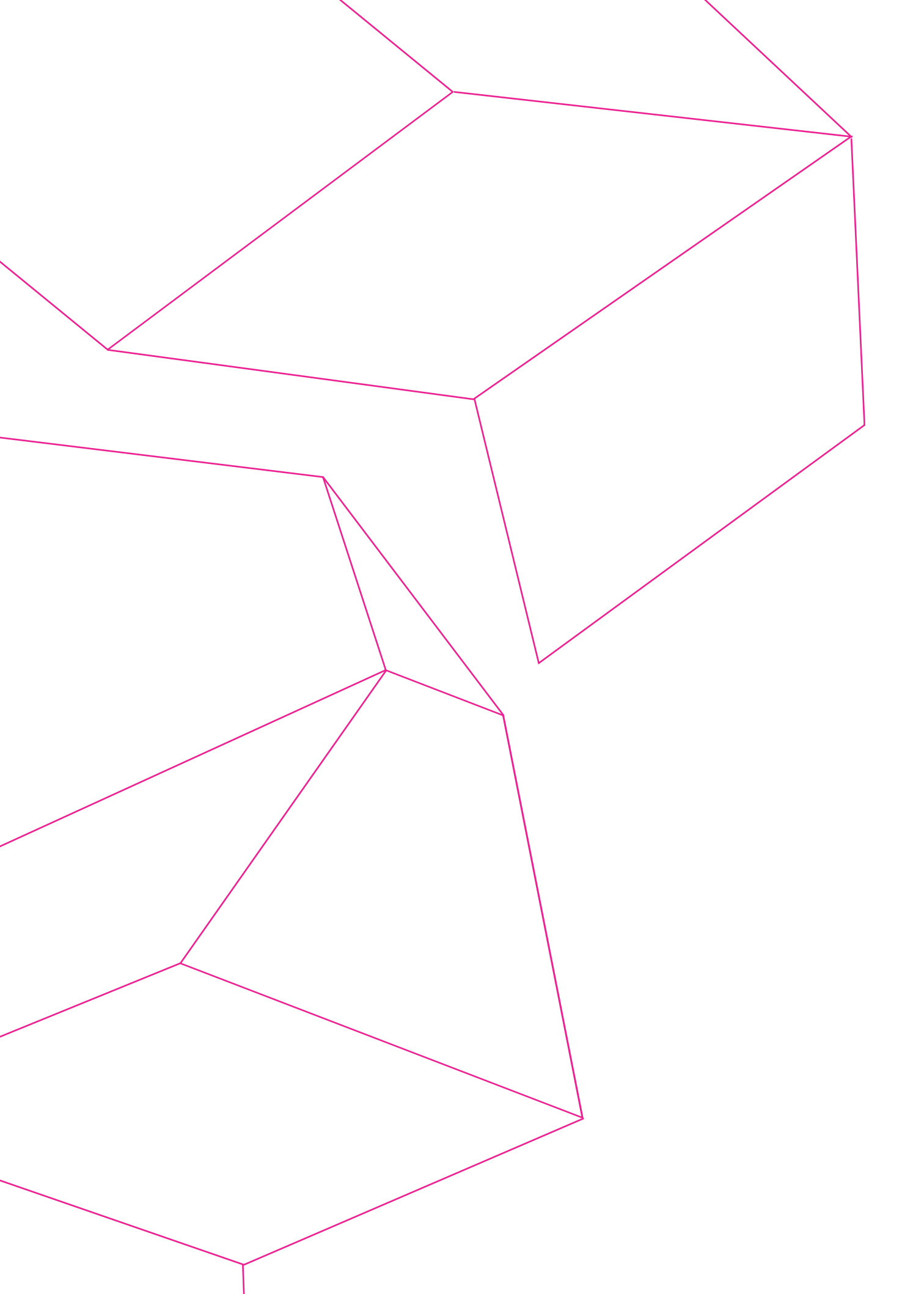


**COREM 2R**

**MUSEOLOGIA:  
VIVÊNCIAS**

**RJ/MG/ES**

**1ª ed. dez / 2014**



## APRESENTAÇÃO

Como parte das comemorações pelos 30 anos da lei de regulamentação da profissão de museólogo, que neste 18 de dezembro de 2014 se espalham por todo o Brasil, o Conselho Regional de Museologia 2ª Região – COREM 2R lança a primeira edição do e-book *Museologia: Vivências*, com depoimentos de 30 museólogos dos estados do Rio de Janeiro, Minas Gerais e Espírito Santo.

Entre os convidados para este primeiro volume, estão alguns dos vários profissionais que se destacaram – e se destacam – no desenvolvimento da profissão.

Escreveram também jovens museólogos que, formados há pouco, já vêm mostrando vontade de interferir positivamente no futuro da Museologia e dos museus.

No final de 2015, uma nova leva de museólogos importantes se juntará a este grupo, na 2ª edição do *Museologia: Vivências*. Por hora, é nosso desejo que os leitores deste e-book possam recordar e se conectar com colegas que prestaram seus depoimentos nas páginas a seguir, inspirando-se em suas vidas e em suas lutas.

Boa leitura!

COREM 2ª Região

.....



### ARNALDO MACHADO

*Arnaldo Machado trabalhou ativamente para a regulamentação da profissão de museólogo e para a criação dos Conselhos de Museologia. Detém o registro 0001-I do Conselho Regional da 2ª Região, tendo sido seu 1º presidente, em 1986.*

Recentemente, em 18 de novembro último, tive ensejo de endereçar às colegas de formatura em Museologia, no ano de 1960, um documento registrando “um estado de alma”, onde afirmei, com absoluta convicção que, embora com formação anterior em Direito, “foi no campo da Museologia que me senti realizado”.

Naquela saudação às colegas de turma, expressei humilde e reconhecido “OBRIGADO SENHOR!”, feliz por poder proclamar o que volto a dizer: “foi no campo da Museologia que me senti realizado”. ● COREM 2R 0001-I



### ALEJANDRA SALADINO

Minha escolha pela Museologia foi, como tantas outras, fruto do acaso. Diante do impasse de constatar minha falta de pendor para o Jornalismo – algo inculcado desde a infância por minha família e professores pelo simples fato de “escrever bem” – estava à procura de um curso no campo das humanidades que congregasse meus interesses, designadamente arqueologia, história e artes. Ao acompanhar um amigo à UNIRIO para coletar informações sobre o Curso de Artes Cênicas, tive a oportunidade de conhecer a grade curricular de Museologia, que encantou-me à primeira vista pela aparente potencialidade de trabalhar em diversas frentes. E não me equivoquei: desde minha formatura, em 1995, percorri um caminho com uma miríade de paisagens, adentrando nas sendas da conservação de materiais móveis, das investigações sobre museus, e, finalmente da arqueologia. ● COREM 2R 0526-I



**BRUNO BRULON**

Entrar para o mundo da Museologia sempre começa com a dúvida do amanhã. “Em que você irá trabalhar?” – perguntam os familiares. “Há campo de atuação?” – perguntam os amigos que escolheram profissões tradicionais. Nos anos do bacharelado essas eram perguntas às quais eu mesmo não tinha respostas. Para mim a Museologia era um parque de diversões que um dia poderia se tornar uma carreira.

Entrar para o campo da Museologia, com mais de um diploma nas mãos, registro no COREM, e muitas perguntas significou descobrir que as respostas a serem dadas são tantas que a retórica vai constituir boa parte do trabalho museológico. Até decidirmos fazer das próprias perguntas uma profissão.

Ao entrar para a Museologia, com perguntas e sem respostas, venho aprendendo a fazer das incertezas a principal fonte do ‘saber’ museológico, interrogador de si mesmo. De repente, o amanhã já não parece tão incerto, pois as perguntas já não são mais as mesmas, e as certezas, só aquelas de fato necessárias, nos ajudam a construir novas interrogações. ●

COREM 2R 0745-I



**CÉLIA MARIA CORSINO**

Decidi pela profissão quando fazia um curso de arqueologia nas dependências do Curso de Museus, no início da década de 70. Foram as pranchas de história da arte da Prof.<sup>a</sup> Anita Barrafato que espalhadas pelas paredes me instigaram a perguntar que curso era aquele. Logo no primeiro ano iniciei um estágio no Museu Histórico Nacional e nunca mais larguei a Museologia. Já se vão mais de quarenta anos. Trabalhei em diversos museus e atividades relacionadas. Como servidor público e em empresa privada. Fui a primeira secretária do COREM, no tempo do Arnaldo Machado, e ajudei na criação do COFEM. Criei meus filhos tudo junto e misturado com a Museologia. Fiz escolhas na profissão. Sempre acreditei que os museus em cidades pequenas e médias poderiam fazer mais a diferença. Attingir de forma mais efetiva a população e contribuir para a expansão de seus horizontes. A função social do museu estabelecida na Mesa de Santiago guiou muito meus passos, principalmente em projetos de revitalização e criação de museus. Gosto de literalmente colocar a mão na massa, de mostrar às pessoas como é importante para o conjunto do museu cada coisa que se faz. Dar sentido a cada pequena tarefa para a construção do museu. ●

COREM 2R 0005-I



**CLÁUDIA PORTO**

Já trabalhava em museus há mais de 15 anos quando a internet chegou ao Brasil, nos anos 90. Apaixonada, deixei os museus e abracei a web. Por outros 15 anos vivi no mundo corporativo e digital. Os museus, porém, me chamavam.

Quando finalmente decidi dar a minha segunda grande virada profissional, deixar a direção de uma empresa e voltar para a área, encontrei uma Museologia bem diferente, querendo-se mais aberta, mais transversal e mais ousada. Voltei trazendo a experiência digital e ajudando a construir pontes entre museus e seus especialistas, daqui e de fora do país.

Trabalhar com museus, discutir sobre museus e perambular em museus funciona para mim como uma carga elétrica, um fôlego novo, um mergulho criativo. Com base no que a Museologia tem representado para mim, deixo aos museólogos que chegam um recado que não é meu, mas de Millôr Fernandes: “Não devemos resistir às tentações. Elas podem não voltar”. ●

COREM 2R 0282-I



**DENISE STUDART**

A profissão de museólogo para mim foi se desvelando aos poucos. Minha primeira escolha foi Arquitetura. No quinto período da faculdade, aos 20 anos, tranquei a matrícula e fui estudar Artes na Itália, onde um novo mundo se abriu à minha frente. Os museus tiveram uma importância muito grande na minha formação. Eu os visitava com uma voracidade de conhecimento! Em Florença, tive meu primeiro contato com a disciplina Museologia. Depois desse encontro, tudo passou a fluir com mais clareza. Voltando da Itália, trabalhei no Museu da Imagem e do Som. A entrada no ICOM proporcionou um intercâmbio profissional valioso. Decidi cursar Museologia na UNIRIO. Em 1993, já graduada, outra oportunidade de morar no exterior: Londres, onde fiz mestrado e o doutorado em “Museum Studies” e tive experiências marcantes no Science Museum, British Museum e Cité des Sciences et des l’Industrie. Ao voltar ao Rio, ingressei no Museu da Vida/COC/Fiocruz, em 2002, por concurso público, premiando meus esforços até aquele momento. De lá pra cá, novos campos de ação se abriram. Para mim, ser museóloga é ter uma profissão com a qual aprendo continuamente, ampliando sempre a minha visão de mundo. Certamente, os museus continuarão a se transformar e a ter um papel importante no panorama cultural de cada lugar, encantando aos que entram em contato com estes espaços repletos de significados. ● COREM 2R 0462-I





**ELAINE DE SOUZA CARRILHO**

1988. 18 anos. Vestibular da UNIRIO. Na escolha entre Pedagogia, Biblioteconomia, e Arquivologia, a Museologia falou mais alto. Assim começou minha história com ela. Formatura e agora? Estágio no MIS que avança para uma contratação de 12 anos. Mestrado em Memória Social e Documento. Projetos de pesquisa e dedicação de 10 anos ao COREM. Em 2002, 10 anos de formada. Penso em desistir e partir para outra área. Insisto mais um pouco. 2005 e o tão esperado concurso do IPHAN. 4º lugar. Vaga para o Município do Rio de Janeiro. Onde? No Museu Casa de Benjamin Constant em Santa Teresa. Já se vão oito anos de casa e sete de Direção. O que sintetiza todo esse tempo? Dedicação, responsabilidade, vontade de fazer, muita perseverança e a crença na importância do nosso patrimônio como forma de valorização do cidadão. Viva a Museologia. ●

COREM 2R 0442-I



**ELENORA NOBRE MACHADO**

1973. Esta foi a data da minha escolha. Fila do vestibular resolvi olhar novamente o caderno de opções. Já tinha optado por história. Mas bati os olhos em Museologia, que pela primeira vez fazia parte do vestibular unificado, e fiz a minha opção. Nesses 38 anos de profissão nunca me arrependi. Confesso que fraquejei e em 2004 fui fazer biblioteconomia, mas sem abandonar a Museologia. Não me afastei, só acrescentei. Hoje vejo que realmente acertei. Sinto-me realizada e não penso em me aposentar, embora já tenha tempo. Gosto do que faço e essa satisfação me influenciou de forma positiva em minha vida pessoal. ● COREM 2R 0124-I



**ELIZABETE MENDONÇA**

No ano em que comemoramos 30 anos da regulamentação da profissão de museólogo, tenho o prazer de completar 15 anos em que a Museologia entrou na minha vida. Desde 1994, quando iniciei a graduação, na UNIRIO, a Museologia proporcionou-me experiências de formação e práticas profissionais e pessoais diferenciadas. Ao longo desses anos, tive a oportunidade de trabalhar tanto em espaços museológicos consagrados (realizando procedimentos da cadeia operatória da musealização), como em processos de inventário e registros de patrimônio imaterial. Tive também a possibilidade de coordenar ações voltadas à valorização da produção de grupos detentores de conhecimentos tradicionais populares, bem como ao repasse de suas técnicas e saberes. Lecionei em um dos cursos de Museologia recém-criados no processo de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI). Desde 2013, retornei ao lugar inicial desta trajetória, ocupando um cargo de professora na UNIRIO. Este meu “ainda pequeno” percurso profissional, possibilitou-me não só conhecer grandes pessoas e mestres detentores de conhecimentos tradicionais que caracterizam as identidades culturais de grupos que formam o nosso país, como também me perguntar cotidianamente sobre os processos de construção de suas memórias e, principalmente, os papéis das ações de patrimonialização e musealização nas políticas públicas vigentes. ●

COREM 1R 0284-I



**FLÁVIA FIGUEIREDO**

Quando escolhi a Museologia aos 17 anos eu não imaginaria que uma profissão proporcionaria experiências de vida e profissionais únicas.

Trouxe conhecimento e a consciência de que a cada dia temos que ir em busca de mais... Trouxe amigos e amigos para a vida inteira...

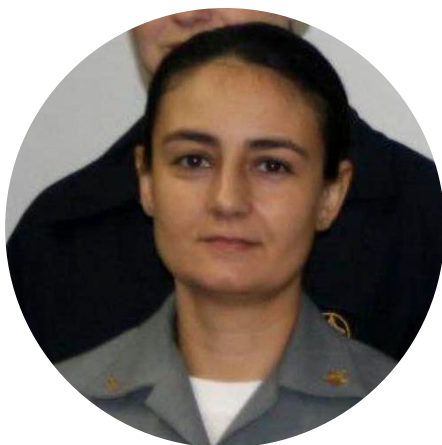
Através da Museologia descobrimos que os museus são muito mais do que espaços de preservação do passado: é vivo, é humano, é experiência, é a prática do dia-a-dia das relações humanas, é “mais”.

Os museólogos exercem cada dia suas funções como heróis, a grande maioria destes vencendo barreiras e ultrapassando dificuldades em busca de “mais”.

Hoje vislumbro que nossa profissão está em processo de valorização, a cada dia torna-se mais visível e sua importância tem sido mais destacada no mundo. E isto é gratificante.

Acredito que os desafios que a nossa profissão traz a torna ainda mais atraente e apaixonante.

Aliás, a paixão pelo o que fazemos é sentimento marcante entre nós museólogos. ● COREM 2R 0760-I



**GLÁUCIA MOURA**

Em 1988, a museologia aconteceu sem querer em minha vida. Em 1992, me formei e até hoje só tive essa profissão. Já trabalhei no Museu Histórico Nacional, onde também estagiei por 2 anos; depois trabalhei no Museu de Arte Moderna, Diretoria de Assuntos Culturais de Exército e, desde 2003, estou na Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha. Acredito na museologia intrinsecamente ligada à vida. Os objetos materiais ou imateriais dos quais somos protetores, conservadores e divulgadores são os testemunhos de vidas, histórias e sentimentos passados, em sua maioria, mas também futuros, quando são fonte de inspiração, aprendizado e esperança. Sempre busquei mais espaço para a museologia, incentivando os concursos e a contratação do museólogo em novos campos de trabalho. Desejo que estes 30 anos sirvam de reflexão e de união, à semelhança dos profissionais que tanto trabalharam para a regulamentação da nossa profissão. ● COREM 2R 0434-I



**HELOÍSA HELENA QUEIROZ**

Na década de 90, a decisão de ser museóloga foi decisiva para o meu comprometimento, cada vez mais crescente, pessoal e profissional, com a cultura e o patrimônio.

No Brasil, iniciamos o século XXI com uma museologia mais amadurecida, amparada em metodologias e teorias adequadas e com um campo vasto de atuação ainda a ser explorado.

Com cursos de graduação em todas as regiões do país, dois cursos de Mestrado e um curso de Doutorado em Museologia e Patrimônio possuímos atualmente condições não só de promover a multiplicação de profissionais, mas principalmente de desenvolver uma formação mais consistente de maneira a incentivar o crescimento de linhas de pesquisa no campo da museologia e suas áreas de atuação.

No ano em que comemoramos os trinta anos da regulamentação de nossa profissão e que constatamos tantos avanços na formação e na ampliação de nossa área de atuação temos o compromisso ético de lutar e difundir sua importância dentro dos cursos de formação e das instituições culturais, pelo cumprimento da lei de obrigatoriedade do registro profissional do museólogo. Assim, estaremos garantindo a sociedade a atuação de um profissional devidamente capacitado e compromissado com o exercício legal da profissão. ● COREM 2R 0726-I



**ISABEL PORTELLA**

Escolher uma profissão significa aceitar desafios, percorrer caminhos nem sempre suaves, mas, sobretudo, estar consciente de que esta escolha é baseada num ideal, numa proposta de vida. Ao seguir a carreira de museóloga me deixei levar por um sonho: o de ser a guardiã da memória histórica e artística do meu país. Queria desvendar o que havia por trás dos fatos, pesquisar as origens, preservar o que havia resistido ao tempo. São tantos os caminhos oferecidos pela Museologia que muitas vezes fiquei na encruzilhada procurando novos rumos. Hoje, mesmo tendo optado pela curadoria e crítica de arte, permaneço ligada às pesquisas museológicas e à conservação. Tudo que está relacionado às bases de uma civilização é de vital importância para o futuro de um país. Novos recursos serão sempre implantados, surgirão novas técnicas, mas a consciência da importância da preservação da memória deverá permanecer. ● COREM 2R 0451-I



**IVAN COELHO DE SÁ**

O museólogo é acima de tudo um humanista. Um trabalho de constante admiração pela saga do homem. Para mim, ser museólogo representou a realização de um sonho de criança. Um sonho que se transformou numa grande determinação diante da difícil realidade de trabalho dos anos 80 e 90. Trabalhei como voluntário por oito anos! Foi o preço pago por obstinar em fazer somente o que me apaixonava. Valeu a pena! Hoje, vejo um horizonte muito promissor para os recém-formados. As possibilidades de atuação são bem mais diversificadas. Os alunos e o resgate da Memória da Museologia dão sentido à continuidade deste projeto de vida. Outro sonho é ver nossa profissão respeitada à altura de sua importância. Vamos chegar lá! Talvez leve mais trinta anos, mas vamos conseguir! ● COREM 2R 0297-I



**JACQUELINE FINKELSTEIN**

Com alegria compartilho a realização que a escolha pela Museologia trouxe à minha vida. Cada experiência é única, mas a que tive foi mesmo especial! Cresci cercada por arte, convivi com grandes artistas, meu pai foi mestre da criação joalheira. Visitar museus é meu programa favorito. Incentivada pela amiga Vera Tostes entrei na faculdade, quase ao mesmo tempo minha filha começava a sua. Pouco depois meu pai me convida a trabalhar na criação do Museu Naïf. Aceitei, e antes mesmo de me formar já ocupava o cargo de diretora de um museu que ainda não existia. O que isto significou? Um imenso desafio! Com dedicação, atropelos, dificuldades, sinto ter alcançado meu objetivo e sou muito grata à Museologia por isto. Fazer cultura num país que ainda não tem a cultura da cultura é um trabalho de formiguinha, mas se não formos nós museólogos, quem então será??? ● COREM 2R 0490-I



**LAURA GHELMAN**

Aos museólogos foi entregue a responsabilidade de cuidar de memórias e lembranças, não para apenas privilegiar, mas para igualizar, trazer à tona tudo que estava nas profundezas. A memória no museu – em suas mais diversas representações físicas, sensoriais e metafóricas – traz visibilidade para pontos de vistas já explorados, ou que precisam ser constantemente evocados.

O que espero dos museólogos e da Museologia atual e do futuro é que consigam reconhecer as memórias que ainda precisam ser descobertas, ou que necessitam ser re-lembradas. Que não esqueçam de sua função, que consiste em não ser individualmente lembrado, mas fazer com que o outro nunca seja esquecido. ● COREM

2R 1000-I





**LUCIENNE FIGUEIREDO**

A Museologia foi o caminho que encontrei para estar junto da arte e das pessoas. Museus são esses espaços privilegiados que nos permitem transitar no tempo e no espaço. Fiz certamente a melhor escolha para mim. O universo dos museus é irresistível, e ousou dizer mesmo, inesgotável em seu potencial de possibilidades. Esse campo museal, que percorro não só no Estado do Rio de Janeiro como também em outros estados, tem me alimentado diariamente com as experiências que tenho a oportunidade de conhecer, e sobretudo com os profissionais de museus igualmente apaixonados como eu pelo fazer dos museus.

Vejo a Museologia num futuro promissor, muitos profissionais de outras áreas estão se aproximando dos museus para uma interlocução que trará para o campo novas compreensões e reflexões sobre o papel dos museus, que além de responsáveis pela preservação do patrimônio e da memória, são ágoras, arenas, palcos, fóruns e muito mais que o homem, em sua relação com o real, proponha que ele seja.

● COREM 2R 0398-I



**MAGALY CABRAL**

Minha relação com museus começou como professora, quando levava meus alunos a visitá-los. Em 1977, fui convidada por Neusa Fernandes, então Secretária Executiva da ex-FEMURJ (Fundação Estadual de Museus do Rio de Janeiro), hoje FUNARJ (Fundação Anita Mantovano de Artes do Estado do Rio de Janeiro), para dirigir o seu Departamento Cultural e Artístico. Entre as diversas atividades estava a marcação de visitas de escolares aos museus da FEMURJ, oferecendo-se o ônibus.

Em 1979, com a mudança de direção da FEMURJ, fui convidada a permanecer pela nova Presidente, Fernanda Moro, e fui por ela apresentada ao Comitê Internacional para Educação e Ação Cultural (CECA) do Conselho Internacional de Museus (ICOM). Naquele mesmo ano participei da sua Conferência Anual, em Portugal, tornando-me membro, e participo até hoje. Formada em Pedagogia, decidi que deveria estudar Museologia para compreender melhor a instituição em que trabalhava como educadora. Foi o caminho certo. Adquiri régua e compasso, lembrando o nosso poeta Ministro Gilberto Gil.

Compreender a função social do museu foi o mais importante para a minha atuação profissional. E esse é o papel do museu no futuro de um país. ● COREM 2R 0345-I



**MARCIA SILVEIRA BIBIANI**

Desde o início, a certeza sobre incursionar numa área que nem reconhecida aqui era; no curso, o único então em todo o país, o descobrir das coisas, das formas, dos indícios, das certezas e das nem tanto. No dia-a-dia da profissão, o reconhecimento de que o que fazia me fascinava. Olhando para trás constato como a Museologia se afirmou, como tantos contribuíram, como ainda há tanto o que fazer. Sinto que deixamos construído algo, que sempre estará em processo. Valeu e vale!

Costumo afirmar que nunca me arrependi, um dia sequer, de ter escolhido a Museologia como profissão, como carreira, como realização. Parodiando o poeta, começaria tudo outra vez! ● COREM 2R 0263-I



**MARIA DE LOURDES HORTA**

Foi em 1962, terminando o curso de Humanidades no Colégio Santa Úrsula, no Rio de Janeiro, quando ouvi falar pela primeira vez no Curso de Museus. Maria Augusta Machado, de saudosa memória, sugeriu através de minha tia, a Museóloga e Botânica Paula P. Horta Lacleite, que a sobrinha estudiosa poderia gostar do assunto... Não se falava em Museologia naquela época! Há quase meio século recebi o diploma de Museóloga das mãos do reitor da então Universidade do Brasil, o inspirador e brilhante Pedro Calmon, e desde então trilhei os caminhos que me levaram a descobrir nos museus o mistério e o fascínio da criação humana... Abandonando os planos juvenis de ser arqueóloga ou eventualmente arquiteta, ao escolher a Museologia não abandonei as duas primeiras vocações... Continuei a escavar as camadas superpostas de significado cristalizadas nos objetos e nos processos culturais, e a organizar as informações obtidas no espaço físico das exposições e galerias assim como, e principalmente, no espaço mental do público e dos usuários das instituições às quais dediquei toda uma vida profissional... Enquanto houver encantamento e paixão nestas tarefas, por parte dos museólogos e demais profissionais engajados nesta causa, os museus terão seu lugar garantido no futuro! ● COREM 2R 0260-I



**MARIA HELENA OLIVEIRA**

Quando estava para escolher minha profissão aliei esta busca às minhas indagações sobre a vida. Optei pela Museologia por ser um universo onde a memória e a história se apresentavam a mim como indicativos reveladores do presente. No decorrer da minha formação, tive o privilégio de realizar um estudo de caso sobre o Museu Indígena Magüta, da etnia Ticuna, na cidade de Benjamin Constant/AM, no Alto Solimões. Foi uma experiência marcante. Constatei de que forma um museu pode mobilizar uma sociedade, transformando-a. O museu representava para aquela população um precioso instrumento de valorização pessoal e de mudança, por meio da resignificação da sua cultura no cotidiano, possibilitando um diálogo transformador com a população do entorno. Depois, trabalhei com outras etnias indígenas, como os Guarani Mbyá, também resignificando elementos de sua cultura como meio de interação com a sociedade nacional. A partir dessa experiência, a Museologia é, para mim, um campo fértil de trabalho colaborativo, um universo instigante e transformador. ● COREM 2R 0492-I



**MARIANA SANTANA**

Na época de estudante na UNIRIO, uma questão que rondava pelos corredores estava na árdua busca por um lugar no mercado. A alternativa mais óbvia seria prestar concursos públicos, que eram poucos. Na contramão de grande parte dos museólogos da minha geração, apostei na carreira arriscada e desafiadora de atuar como empresa. Esta aposta numa relação de trabalho diferenciada dentro do universo museológico de então, possibilitou a aproximação com a realidade de diferentes tipologias de museus, me fez apreender uma noção de Museologia de maneira ampliada, que procura criar e inovar. Fui estagiária em museus durante o curso e logo que comecei a trabalhar tive a oportunidade de percorrer por outros espaços de memória, na conservação de documentos no Arquivo Nacional e em projetos no Centro de Conservação e Preservação Fotográfica da Funarte. Hoje atuo nas diferentes áreas dos museus, em ações culturais que reúnem equipes multidisciplinares. Este é o caminho que venho trilhando e, neste universo, interessa-me de maneira particular a possibilidade de diálogo com múltiplos profissionais, o aprendizado diário que o trânsito entre diversas instituições, propostas e acervos possibilita. Que venham os próximos trinta anos! ● COREM 2R 0765-I





**MARIANA VARZEA**

Eu amava a História e era por ela correspondida. Por isso todo mundo estranhou, lá nos idos de 1985, quando decidi que seria museóloga. Desde meu professor de história, passando pelos meus amigos e até a minha mãe fizeram as mesmas perguntas – museólogo faz o que? A profissão é regulamentada? Depois de explicar que a museologia era a forma mais interessante e rica que eu havia encontrado para trabalhar a minha paixão pela História, através dos objetos culturais, fui correr atrás da informação sobre a regulamentação. Por sorte, ou por destino, a lei foi promulgada nesse mesmo ano. Dez anos depois, em 1994, já como conselheira do COREM, pude entender que não basta ser formado, é fundamental a gente batalhar pela nossa profissão e pela união da classe. Passados 20 anos, cá estamos, vendo essa turma bravia e incansável, liderada pela Marcia Bibiani, buscando a modernização do COREM. Não é pra menos, a museologia brasileira cresceu e amadureceu. O Rio é polo de concentração e inovação museal, dos museus comunitários aos grandes museus, públicos e privados. O Conselho tem um papel chave de fazer entender a importância do museólogo para o futuro dessas instituições, bem como de fortalecer a museologia para que seja uma profissão antenada com esse nosso mundo, em permanente transformação. ● COREM 2R 0517-I



**NEUSA FERNANDES**

A escolha da profissão de museóloga para mim foi surpresa. Já era professora universitária de História quando entrei para Museologia, com a intenção de complementar os estudos, sem nenhuma perspectiva.

Fui convidada para dirigir o Museu da Cidade, por ocasião do concurso para prof. de História. Obtendo o primeiro lugar, a banca me convidou.

Absolutamente o inesperado. Daí em diante, só alegrias, consequências de muito trabalho.

Nunca deixei de dar aula, mas a carreira exitosa de museóloga marcou significadamente a minha vida.

Depois de regulamentada, a profissão ganhou o merecido respeito e o seu futuro é de um reconhecimento cada vez maior. ● COREM 2R 0004-I



**ROSANE CARVALHO**

Escolhi a profissão de museólogo após ter estudado História da Arte no colegial com a professora Maria de Lourdes Parreiras Horta e ter viajado com meus pais para a Europa e ter conhecido os museus de cidades importantes como Londres, Estocolmo, Paris e Roma. Fiquei tão deslumbrada com aquele mundo de conhecimento, arte e história que me era revelado naquele ambiente que resolvi que desejava trabalhar num museu.

Hoje sou muito feliz por ter trabalhado por 30 anos em museus e instituições como a Fundação Nacional Pró Memória e o IPHAN. Tive a felicidade de fazer uma especialização em Marketing e Comunicação em museus norte-americanos com uma bolsa da Comissão Fulbright o que me deu a oportunidade de conhecer um modelo de gestão de museu embasado em comunicação e sustentabilidade financeira, voltado para o desenvolvimento de público. Este aprendizado me impulsionou a pesquisar até o pós doutorado sobre a relação museu e público que, acredito, continuará a ser enfatizada cada vez mais daqui para a frente. ●

COREM 2R 0026-I



**TALITA MIRANDA**

É difícil manter a escolha de ser museóloga. Minha sensação permanente é de nadar contra a maré. É desprender um esforço muito grande para conseguir dar um passo.

Então, esta escolha significa lutas, frustrações, a necessidade de buscar novos caminhos para vencer a maré e obter pequenas conquistas. O que me leva a manter esta escolha é acreditar na potencialidade do Museu enquanto ferramenta de mudança e ver que ao me aprimorar profissionalmente consigo criar caminhos alternativos para lidar com as dificuldades. As conquistas recentes em políticas públicas, diversificação e ampliação do mercado dão um alento, mas precisam ser consolidadas e aprimoradas. Ainda lutamos por melhores condições de trabalho e remuneração e quanto mais juntos estivermos nestas lutas, maiores serão as conquistas. ● COREM 2R 0782-I



**TELMA LASMAR**

Escolhi ser museóloga aos 16 anos. Quando fazia o Científico – sim, sou deste tempo – tive um professor de história de arte que me transmitiu todo seu encantamento com os museus: José Manoel de Andrade Pires, a quem devo minha escolha. Nunca tive dúvidas sobre minha carreira. Fui museóloga durante 15 anos da RFFSA onde montei e supervisionei muitos museus posteriormente destruídos com a privatização. Estive no MAC de Niterói por duas ocasiões: na primeira fui Diretora Administrativa por 9 anos e na segunda, fui Consultora de Gestão Museológica por mais 4 anos. Presidi por algum tempo o COREM 2ª Região e o COFEM. Leciono desde 1997 disciplinas ligadas à Museologia e ao patrimônio e sua relação com o turismo e sou professora da Faculdade de Turismo e Hotelaria da UFF. Atualmente faço o doutorado sanduíche na Sorbonne. Não me vejo profissionalmente fora do universo dos museus, embora me dedique à academia. O meu mundo é o mundo dos museus. ● COREM 2R 0173-I



**TEREZA SCHEINER**

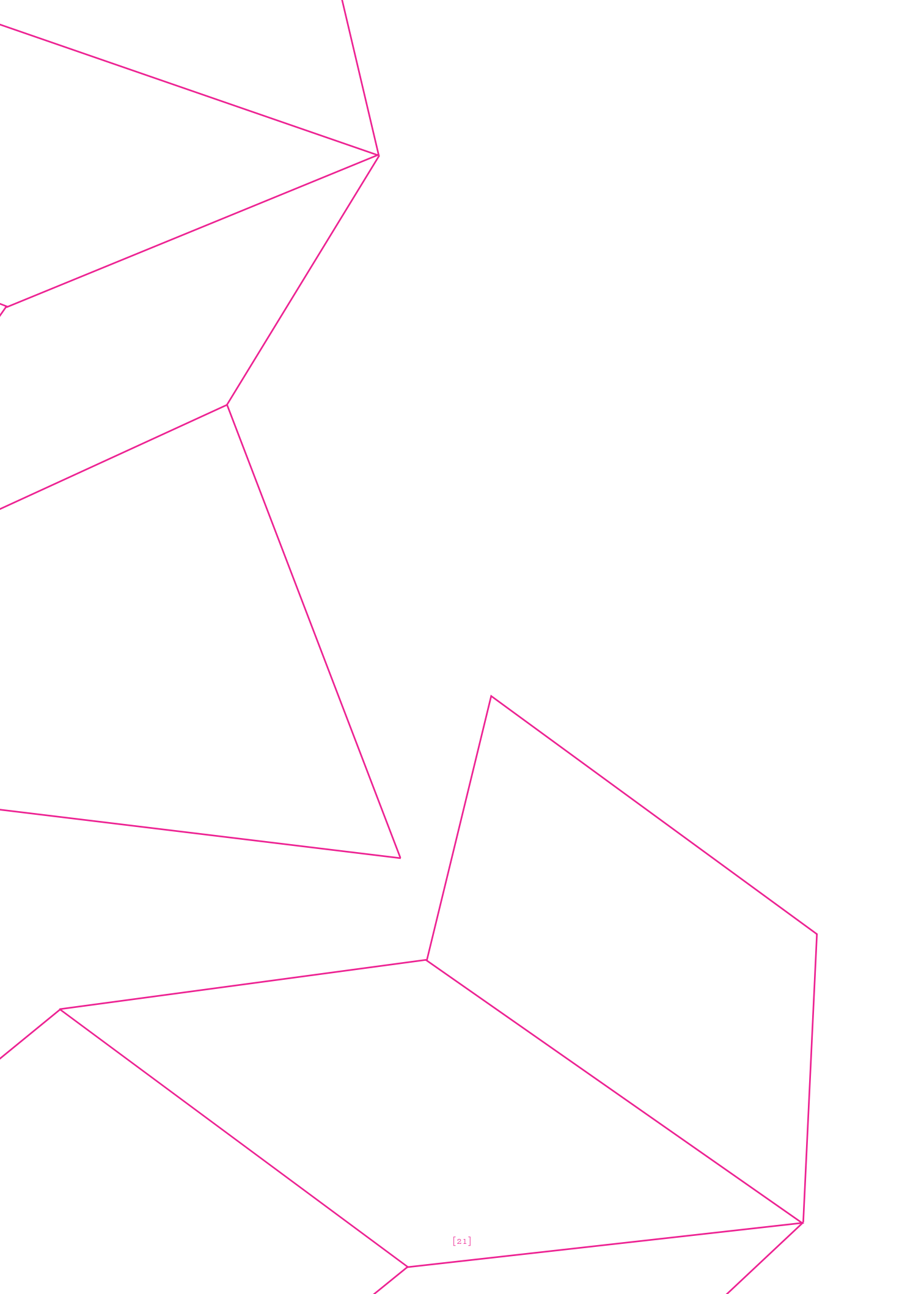
A escolha pela Museologia deu-se por acaso, num momento em que era difícil estudar Antropologia no RJ. Desde o vestibular no MHN, com provas dissertativas, apaixonei-me pela pluralidade de temas do campo e pela densidade das informações que era preciso dominar. O Curso de 3 anos desdobrou-se em 4, já que a habilitação escolhida – museus de ciências – só foi averbada pelo MEC quatro anos após a conclusão. Foi preciso cursar uma segunda habilitação – museus de história. Mas o diploma de Museólogo (do qual me orgulho muitíssimo) é o primeiro emitido no país com habilitação para museus de ciências. Do convite para lecionar no Curso de Museus (hoje Escola de Museologia), onde pude implantar várias disciplinas teóricas (Museologia) e técnicas (Museografia, que naquele momento incluía documentação, conservação, exposição e gestão) à Chefia do DEPM (já na UNIRIO); da Direção da Escola à criação do Curso de Turismo, cheguei ao PPG-MUS (Mestrado e Doutorado). Tudo permeado pela participação no ICOM: ICTOP e ICOFOM (comitê que presidi), ICOFOM LAM, que ajudei a criar e que hoje completa 25 anos – até a vice-presidência do ICOM. É isto, para mim, a Museologia: um continuado processo de criação e transformação; razão e paixão pelo Museu, lugar para aprender sobre o Outro e para realizar o desejo continuado de conhecimento. ● COREM

2R 0156-I

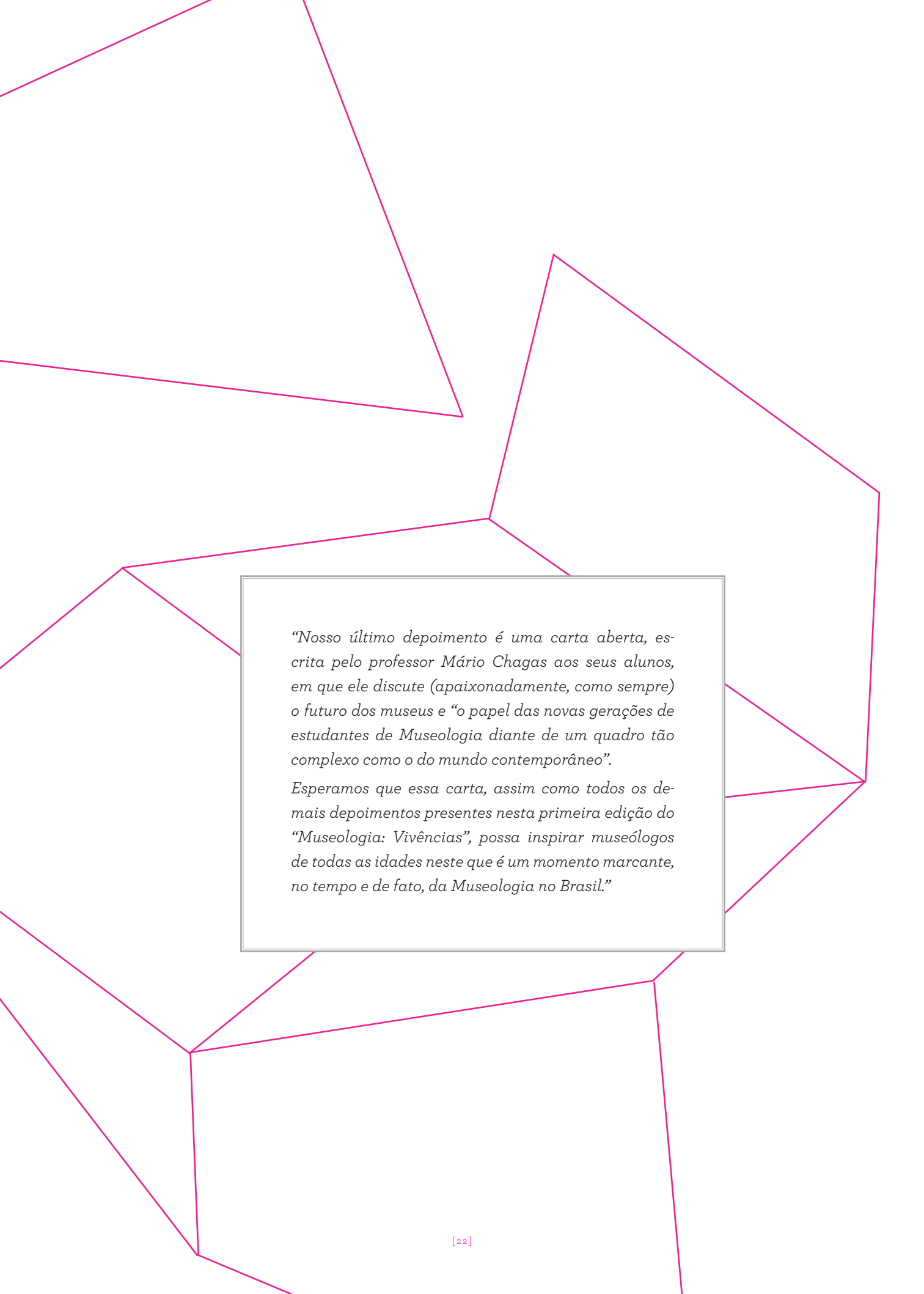


**YÁRA MATTOS**

Escolher a profissão de museóloga foi de extrema importância. E esse crédito devo a meu pai que me introduziu com sua sensibilidade, no mundo encantado dos museus. Reporto-me ao final dos anos 1960, quando, formada pela Escola Normal/Instituto de Educação/RJ, ao pesquisar cursos de nível superior para continuar os estudos, me deparei com a notícia, num jornal da época, de um “cursinho vestibular” funcionando nas dependências do Colégio Sion, em Laranjeiras, que preparava candidatos aos exames de Biblioteconomia e Museologia. Não tive dúvidas, dei início aos estudos, prestei o exame, fui classificada e frequentei o Curso de Museus do Museu Histórico Nacional, me formando na turma de 1971. De lá pra cá, desenvolvi uma bem sucedida carreira em museus do IPHAN, no Rio e em Ouro Preto. Atualmente, faço parte da equipe docente do curso de Museologia da Universidade Federal de Ouro Preto. Assim, tenho oportunidade de transmitir aos jovens a minha fé no futuro promissor da carreira. ● COREM 2R 0316-I



[21]



*“Nosso último depoimento é uma carta aberta, escrita pelo professor Mário Chagas aos seus alunos, em que ele discute (apaixonadamente, como sempre) o futuro dos museus e “o papel das novas gerações de estudantes de Museologia diante de um quadro tão complexo como o do mundo contemporâneo”.*

*Esperamos que essa carta, assim como todos os demais depoimentos presentes nesta primeira edição do “Museologia: Vivências”, possa inspirar museólogos de todas as idades neste que é um momento marcante, no tempo e de fato, da Museologia no Brasil.”*



**MÁRIO CHAGAS**

Rio de Janeiro, 21 de setembro de 2007

Caro estudante de Museologia,

Hoje começa no hemisfério sul do planeta terra o equinócio da primavera, ocasião em que o sol passa pela constelação de balança. Trata-se de um marco oficial e astronômico que nos dias atuais já não encontra inteira correspondência nos indicadores da natureza que tradicionalmente serviam para marcar as mudanças de uma estação para outra.

Hoje não abri os jornais, nem a caixa postal do meu correio eletrônico; não liguei o rádio, nem a televisão; resolvi ficar em silêncio, ouvir os pássaros que por não conseguirem fugir ao fado, cantam; resolvi olhar a paisagem cultural da cidade; projetar sonhos e memórias no futuro e escrever essa breve carta para uma nova geração de estudantes de Museologia.

Mesmo sem ter lido os jornais e as centenas e centenas de mensagens eletrônicas que devo ter recebido, mesmo sem ter visto televisão e sem ter ouvido rádio, sei que o tema da segurança pública está em debate; que crimes bárbaros e hediondos foram e estão sendo cometidos por diferentes criminosos; que violências materiais e espirituais continuam sendo cometidas por grupos organizados e escondidos nas dobras do poder; sei que estão em curso crimes ambientais praticados por grandes empresas capitalistas; que sacerdotes hipócritas de diferentes credos estão pregando uns contra os outros; mas sei também que novos artistas estão neste exato agora criando e comunicando poéticas; que em algum canto da cidade ações justas, harmoniosas e solidárias estão sendo praticadas por crianças, jovens, adultos e velhos; sei que em muitos antros indivíduos e grupos lutam pela dignidade social de suas comunidades; sei que os militantes dos movimentos sociais estão em ação; que os ecologistas estão em ação; que os defensores dos direitos humanos estão em ação e que milhares e milhares de cidadãos



anônimos e alguns outros carimbados com a tatuagem da celebridade estão em ação, visando o bem, o bom e o belo na dinâmica da vida social; sei ainda que nesta hora poetas devoram e re-encantam a cidade, ao lado de homens e mulheres que exercitam o direito à cultura e à arte como direitos fundamentais.

Queridos estudantes, por mais avançadas que sejam as tecnologias elas não resolvem os problemas do coração de afeto do humano; ainda que produzidas pelo humano elas podem servir para desumanizar. A verdade de hoje é que elas não nos fazem mais felizes, mais verdadeiros, mais sábios, mais amorosos ou mais justos.

Uma questão se impõe: qual é o papel das novas gerações de estudantes de Museologia diante de um quadro tão complexo como o do mundo contemporâneo? Há um desafio, entre tantos outros, que se coloca para os estudantes que têm vocação para lidar com o passado, com a memória, com o esquecimento, com o patrimônio, com as representações sociais, com o imaginário social e com o tempo: como decifrar e devorar a esfinge da memória, do patrimônio, do museu e do passado? Como transformar a matéria da memória em húmus para a criação?

A Museologia e os museus constituem uma intervenção no contemporâneo e destinam-se à construção de um mundo com mais justiça e dignidade social. A memória, o patrimônio e o passado são fundamentais para a criação do novo, da arte e da vida. Assim como é possível pensar e praticar uma Museologia conectada à morte (necrofilia), assim também é possível pensar uma Museologia conectada à vida (biofilia). Há uma escolha que precisa ser feita e que precisa ser permanentemente renovada. Não é possível fugir desta escolha. De minha parte opto pela Museologia que pulsa, que vive e deixa viver, que transforma e se transforma, que encanta e dança.

Os museus são gestos humanos, são lugares de simbolização e podem servir para nos humanizar. As novas gerações terão muito que fazer e enfrentar. Precisarão enfrentar nos museus os problemas da alteração climática, da poluição ambiental, da escassez de água e da destruição da natureza; precisarão enfrentar os perigos da saturação de informação, que se faz acompanhar da perda de valores e conteúdos; precisarão enfrentar os desafios da construção de um outro mundo, de uma outra globalização, de uma outra agenda para as políticas públicas de cultura; precisarão lutar pelo direito universal à criação artística, à memória, ao patrimônio e ao museu.

As novas gerações de estudantes de Museologia precisarão perceber por si mesmas que as musas não estão presas nos museus, elas ocupam faceiras diferentes territórios. Como diz Henrique Rodrigues: “A musa dilui-se, livre e rarefeita. Agora pode ser bebida em tudo. Há musa pelos bares, pelos rios, pelas poças; há musas nas garrafas que são como moças recém-chegadas. Há musa na sujeira das coisas, sem nexo ou beleza...”.

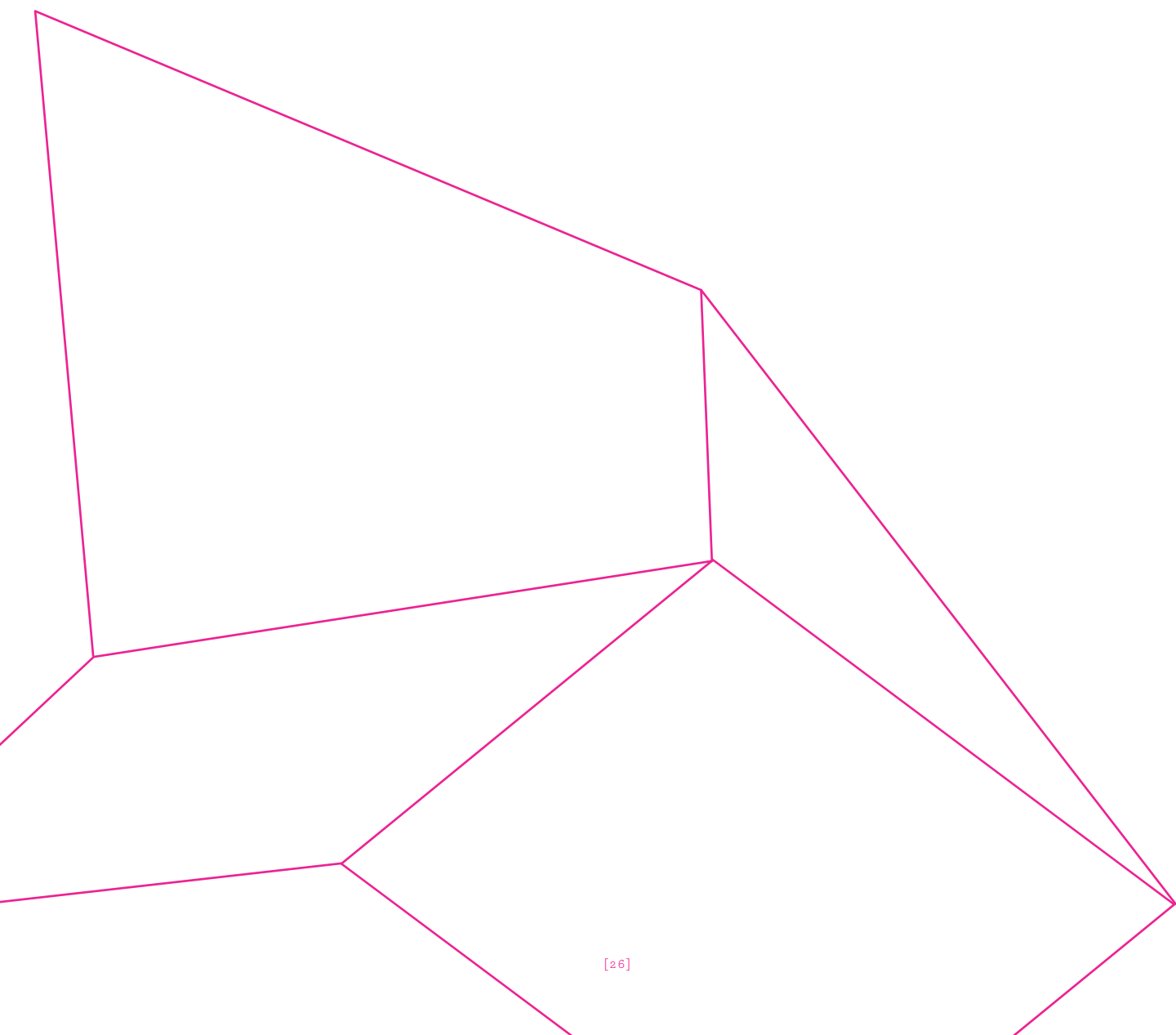
Todo jovem estudante, independentemente da área de formação, deveria, em minha opinião, ler as “Cartas a um jovem poeta”, de Rainer Maria Rilke. Trata-se de um pequeno conjunto de cartas ligeiras e tocantes, escritas na primeira década do século



XX, mas que continuam atuais, permanentes. Seguindo as pegadas de Rilke eu diria que todo jovem estudante de Museologia deveria voltar-se para si mesmo e procurar em seu íntimo, em seus becos, ruas e ruelas internas, em suas memórias de imagens, cores, números, formas e cheiros as razões mais profundas que o levam a querer ser museólogo. Ele deveria perguntar a si mesmo, em sua solidão noturna: quero mesmo ser musélogo? Quero e preciso escrever e ler com a poética das coisas? Quero e preciso mergulhar no mar da literacia museal? Se a resposta for sim e apenas sim, então que ele abrace a vida e construa a vida com entusiasmo e alegria e atenda a essa necessidade. Os museus fazem parte das nossas utopias e nos ajudam a construir futuros.

Do coração e da mente,

*Mário Chagas*



## CONTATOS

Rua Álvaro Alvim, 48/ salas 403 e 404 - Centro  
CEP 20031-010 - Rio de Janeiro - RJ  
segunda a sexta, de 13h às 18h  
tel. 21 2233-2357 | email: [corem2r@gmail.com](mailto:corem2r@gmail.com)  
site: <https://corem2r.wordpress.com>  
facebook: <https://www.facebook.com/corem2r>

REALIZAÇÃO



1ª ed. dez / 2014

